

Prefácio

Profa. Stela Miller

Como citar: MILLER, S. Prefácio. *In* : KOHLE, E. C. **A aprendizagem da escrita por crianças com suportes digitais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p.15-18. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-306-9.p15-18>



Prefácio

O ensino de língua materna é assunto que constantemente aparece nas discussões sobre a eficiência dos processos educacionais do país, principalmente quando se toca na questão da alfabetização. E, nesse campo, as opiniões se dividem, grosso modo, em duas tendências: de um lado os que defendem o ensino dos componentes técnicos do sistema de representação da língua, focalizando as relações fonema-grafema, a decodificação, a oralização, etc. e, de outro, os que defendem o ensino da linguagem escrita como forma de interação entre as pessoas, por meio de enunciados produzidos em situações específicas de trocas verbais.

Optar por um desses lados significa apostar ou em uma formação mais restrita do aluno em termos do domínio dos processos de leitura e de escrita, configurados, respectivamente, como decodificação e codificação de palavras, frases e textos, ou em uma formação mais ampla e complexa do leitor e do produtor de enunciados, em um contexto de trocas verbais entre interlocutores reais que utilizam os recursos do sistema de representação da língua como meio de constituição de seus enunciados.

Essas possibilidades levam-nos a refletir sobre o caminho que os educadores elegem para a formação de crianças e jovens, que podem ou não ter na escola um meio privilegiado de apropriação de conhecimentos, de formação de atitudes e valores e de desenvolvimento de habilidades e capacidades que permitem a eles compreenderem sua realidade e nela atuarem de forma consequente, criativa, transformadora. Tudo depende das escolhas que são feitas para o encaminhamento do processo de ensino-aprendizagem dos diferentes conteúdos curriculares, mas principalmente da linguagem escrita, que tem um papel relevante a desempenhar na

trajetória dos estudantes em sua passagem pela escola, uma vez que a compreensão leitora e a capacidade de produzir enunciados constituem-se como base para a apropriação dos demais conteúdos que são objeto de estudo dos escolares.

O fato é que temos visto muitos estudantes passarem pela escola sem desenvolver de forma adequada a sua capacidade de ler e de escrever enunciados e, muitas vezes sem conseguirem sequer minimamente estabelecer uma compreensão para um escrito e produzir um enunciado, por mais simples que ele seja. Os que conhecem a escola em sua dinâmica de atuação na formação das crianças e jovens, sabem da existência de uma parcela do contingente total que se enquadra nesta última possibilidade, que acaba por ser rotulada como incapaz, como portadora de dislexia, como desinteressada, dentre outros rótulos que lhe são atribuídos. E o pior, que fica marginalizada, apartada do restante dos colegas de sala, sem receber a atenção necessária à superação de seu problema, que acaba se arrastando por anos a fio, sem que a escola dê a esses casos a solução que deveria dar.

A questão não é simples; envolve uma teia complexa de fatores ligados aos mais diversos campos de atuação profissional daqueles que lidam com a educação: idealização e organização de políticas públicas para a formação e atuação dos profissionais em educação, condições materiais e humanas para o funcionamento das escolas, processos de formação continuada dos profissionais que trabalham nas unidades escolares dos sistemas de ensino, atuação da direção e da coordenação pedagógica, relações entre os diversos profissionais que atuam nas escolas, em especial as relações professor-aluno em sala de aula, material pedagógico disponível, forma de utilização desses materiais, escolhas teóricas e metodológicas e possibilidades de realização ou não dessas escolhas e também do conteúdo por parte de professores e alunos que, muitas vezes, estão submetidos ao uso obrigatório de materiais didáticos prontos que vêm dos órgãos de

escalões superiores da hierarquia administrativa do sistema de ensino. Poderíamos citar outras variáveis, mas essas são suficientes para entendermos a complexidade que envolve as tomadas de decisão do professor em sala de aula quando tem em suas mãos a condução do processo de formação de seus alunos.

As pesquisas na área da Educação, em especial aquelas ligadas às questões teóricas e metodológicas relativas aos diferentes conteúdos curriculares, têm analisado sob os mais diversos ângulos as problemáticas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem de modo geral e, também, em suas especificidades relacionadas aos componentes curriculares, sua forma de apropriação pelas crianças, problemas enfrentados, soluções possíveis, compondo um acervo de rico material a ser estudado e discutido pelos profissionais da educação responsáveis pelo processo de formação das crianças e jovens de modo a iluminar a tomada de decisões de forma mais adequada a essa sua tarefa.

O encontro desse material dependerá, obviamente, da busca ativa dos profissionais envolvidos com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, que poderão contar com a cooperação de especialistas vinculados a universidades, para o encaminhamento de suas atividades voltadas aos processos de educação continuada, essenciais para a constante atualização do processo formativo desses profissionais, ampliando a base recebida durante a formação inicial.

Nesses processos contínuos de formação, professores e demais profissionais responsáveis pela organização e implementação do processo de ensino-aprendizagem têm a oportunidade de refletir sobre o seu papel na formação dos alunos. Não podemos nos esquecer que lidamos com vidas humanas e não com números, e que essas vidas dependem em grande parte daquilo que a educação pode ou não lhes proporcionar, não apenas em termos quantitativos - do quanto cada aluno pode adquirir de conhecimento, de quanto tempo ele permanece na escola -, mas também,

e prioritariamente, em termos qualitativos – de que forma ele assimila os conhecimentos, que capacidades pode desenvolver em sua história escolar, se aprende a refletir sobre suas ações, a pensar teoricamente os conteúdos, etc.

Enfim é possível, nesse processo, que os profissionais envolvidos na condução do processo de ensino-aprendizagem reflitam sobre sua real contribuição para o processo de humanização dos alunos, que lhes permite enxergarem o mundo de forma mais perspicaz, pensada e refletida, que os tornam capazes de saber lidar autonomamente com os problemas e solucioná-los com criatividade, com sua ação consequente e transformadora das suas condições de vida e de seu meio. A escola pode chamar para si essa tarefa, essa função, e nós, profissionais da educação, podemos cada vez mais dela nos acercar, conscientes de nosso papel fundamental nesse processo.

Profª. Stela Miller

Programa de Pós-Graduação em Educação
Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp – Campus de Marília